

A pouco mais de um mês das eleições nos EUA, o agravamento do conflito no Oriente Médio vira tema de campanha eleitoral. Kamala Harris defende os israelenses e critica os iranianos. Líderes mundiais pedem um cessar-fogo urgente

Mundo condena ataque e fica em alerta



» ISABELLA ALMEIDA

O ataque do Irã contra Israel com o lançamento de mísseis, ontem, provocou forte condenação da comunidade internacional. Por sua vez, o grupo extremista palestino Hamas comemorou a reação, classificando-a como um ataque "heroico". Às vésperas das eleições presidenciais dos Estados Unidos, o tema virou assunto da campanha política norte-americana. A candidata democrata Kamala Harris apoiou o governo israelense e criticou os iranianos, ao afirmar que são uma força "perigosa" e "desestabilizadora". "Sempre me certificarei de que Israel tenha a capacidade de se defender do Irã e das milícias terroristas apoiadas pelo Irã".

Ao **Correio**, Monique Sochaczewski, professora de relações internacionais do IDP, ressaltou que o conflito no Oriente Médio com a ação do Irã entra em um outro patamar, acirrando o clima bélico

na região. "Temos uma guerra mais às claras entre Israel e Irã, e tendo por contexto as eleições norte-americanas. O Irã parece indicar que os ataques de hoje (ontem) seriam resposta à morte do xeque Hassan Nasrallah (líder do Hezbollah), não querendo mais escalada. Agora a bola está com Israel, que, me parece, deve atacar o Irã de volta. A guerra parece se tornar quente de verdade no Oriente Médio."

O presidente dos EUA, Joe Biden, reiterou total apoio a Israel, classificando os ataques do Irã como "ineficazes". Para o secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, o ataque do Irã é "totalmente inaceitável". O porta-voz do Departamento de Estado, Matthew Miller, afirmou que o Irã deve enfrentar consequências.

O candidato republicano Donald Trump não hesitou em criticar o governo de Biden, "se eu estivesse no comando, o ataque de hoje a Israel nunca teria acontecido", declarou. O chefe da diplomacia da União Europeia, Josep Borrell, condenou, "nos termos mais enérgicos", o ataque, alertando sobre o risco de descontrol e pedindo um cessar-fogo.

A porta-voz da diplomacia russa, Maria Zakharova, também criticou a administração Biden, afirmando que a situação revela o "fracasso total" da política americana na região. O primeiro-ministro francês, Michel Barnier, expressou preocupação com a "escalada" entre Irã e Israel, considerando a situação "extremamente grave".

Brendan Smialowski/AFP



Candidata democrata classifica o lançamento de mísseis como força "perigosa" e "desestabilizadora"

Temos uma guerra mais às claras entre Israel e Irã, e tendo por contexto as eleições norte-americanas"

Monique Sochaczewski, professora de relações internacionais do IDP

É um jogo de xadrez com peças movidas com bastante delicadeza"

Rodrigo Amaral, professor de relações internacionais da PUC-SP

Apoio ao Irã

O premiê espanhol, Pedro Sánchez, apelou para o fim da "espiral de violência", enquanto o chanceler José Manuel Albares pediu a contenção dos envolvidos. A chanceler alemã, Annalena Baerbock, instou o Irã a interromper os ataques, afirmando que isso está levando a região ao abismo. O primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, condenou o ataque e defendeu o cessar-fogo.

Para a chanceler canadense, Mélanie Joly, haverá o acirramento da desestabilização da região. O secretário-geral da ONU, António Guterres, defendeu um cessar-fogo e lamentou as "escaladas sucessivas". Em nota, o Ministério das Relações Exteriores do Chile manifestou "enérgica condenação" ao ataque e reiterou o pedido por um cessar-fogo urgente.

O Hamas, por sua vez, comemorou o ataque iraniano como uma "vingança" pelos assassinatos de seus líderes, qualificando os lançamentos de mísseis como uma resposta à opressão e afirmando que "o movimento de resistência islâmica abençoa os heroicos lançamentos".

Rodrigo Amaral, professor de relações internacionais da PUC, em São Paulo, destacou que houve aplausos ao Irã além do Hamas. "Há relatos de celebração no Iraque, onde centenas de pessoas comemoraram, e na Palestina. Acho que vale mencionar que se tratou de um ataque bastante calculado."

De acordo com o especialista, o

apoio dos Estados Unidos tem sido muito relevante para Israel. "Não apenas ajudou a interceptar uma parte desses mísseis, como também avisou que esses bombardeios seriam realizados. É um jogo de xadrez, com peças movidas com bastante delicadeza."

Para Frederico Afonso, advogado, professor de direito internacional e membro permanente da Comissão de Direitos Humanos da OAB/SP, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, chegou em uma encruzilhada política e sem perspectivas positivas. "Ele já estava mal politicamente, tentando usurpar de algumas competências do Poder Judiciário. Em seu pior momento, ele somente não cai, pois estava à frente da reação, e acabou abrindo 'várias frentes' na guerra."

Bombardeio volta a atingir Beirute

Em meio aos ataques do Irã a Israel, o Exército israelense anunciou mais bombardeios aéreos em Beirute, a capital do Líbano, contra alvos do movimento pró-Irã Hezbollah. Mais uma vez, houve um novo apelo aos moradores do sul de Beirute para que abandonem a área. Pelo menos 30 alvos estão na mira dos militares.

"Você está localizado perto de instalações perigosas do Hezbollah, contra as quais as Forças de Defesa de Israel (IDF, sigla em inglês) intervirão em um futuro próximo", advertiu, na rede social X, o porta-voz militar Avichay Adraee. Ele citou especialmente o distrito de Haret Kreik.

Também ao norte de Beirute são esperados mais bombardeios. Pelo menos quatro brigadas de reservistas estão em deslocamento na região. "Isso nos permitirá continuar as atividades operacionais contra a organização terrorista Hezbollah e alcançar objetivos

operacionais, acima de tudo o retorno seguro dos habitantes do norte de Israel às suas casas", informou o exército em comunicado.

Após fechar o espaço aéreo, o ministro libanês de Obras Públicas e Transporte, Ali Hamié, confirmou a decisão de reabertura. Da mesma forma, Israel. "O espaço aéreo está aberto. As decolagens e aterrissagens serão retomadas na próxima hora", informaram as autoridades aeroportuárias israelenses, por meio de um comunicado.

Mortos e feridos

Pelo menos 55 pessoas morreram e 156 ficaram feridas devido a "bombardeios do inimigo israelense" em várias regiões do Líbano nas últimas 24 horas, informou o Ministério da Saúde libanês. Antes da divulgação desse número, a unidade de gestão de

catástrofes tinha confirmado que 1.873 pessoas morreram no país desde que Israel e Hezbollah começaram a trocar tiros em outubro de 2023, após o início da guerra entre o Exército israelense e o movimento islamista palestino Hamas na Faixa de Gaza.

Desde a última semana, Israel intensificou os ataques contra o Líbano, com ações por terra e pelo ar. As incursões terrestres foram deflagradas anteontem. Túneis abertos pelo Hezbollah foram dominados. As autoridades israelenses alegam que a estratégia é destruir o grupo xiita.

A primeira grande vitória de Israel foi o assassinato do xeque Hassan Nasrallah, chefe do Hezbollah. Ele foi morto em território libanês, após um forte bombardeio no último dia 27. Desde então aumentaram as ações israelenses na região. Por outro lado, as forças que apoiam o Líbano, como o Irã, reagiram à época.

AFP



Uma área inteira de um subúrbio na capital foi alvo dos mísseis israelenses

ARTIGO

» POR: CLARITA COSTA MAIA

Irã: o patrocinador da guerra no Oriente Médio em cena

A apenas seis dias de completar um ano do maior ataque a judeus desde a Segunda Guerra Mundial — uma ação coordenada, que reviveu o trauma histórico dos pogroms russos dos séculos 19 e 20 —, o principal patrocinador dos atos de agressão, crimes de guerra e genocídio cometidos pelo Hamas na rave SuperNova e nos kibbutzim saiu das sombras: o Irã.

Hoje (ontem), o Irã realizou o maior ataque da história contra Israel com mísseis, ao lançar 182 artefatos balísticos (entre eles, Shahab-3, Qiam-1 e Zolfaghar). A maior parte acabou interceptada pelo sistema Arrow 3, a terceira camada de defesa aérea de Israel. Este foi o segundo ataque de mísseis do Irã a Israel neste ano.

A reação iraniana era esperada. O Irã é o principal patrocinador do Hamas (na Faixa de Gaza), dos huthis (no Iêmen) e do Hezbollah (no Líbano). Diante do enfraquecimento de seus aliados, o

país persa precisava agir para manter seu prestígio e influência na região. O Irã persegue uma agenda imperialista regional, ao disputar a liderança do mundo islâmico com a Arábia Saudita. Ao utilizar o Hamas como milícia por procuração para atacar Israel, o Irã tenta minar os Acordos de Abraão, que promovem a normalização das relações entre Israel e o mundo árabe, fortalecendo a posição saudita.

O debate internacional está desfocado. Frequentemente centrado no conflito entre Hamas e Israel, não aborda a mais marcante variável causal do fenômeno, que se aproveita de outras variáveis intervenientes: o projeto de imperialismo regional iraniano, que instrumentaliza rivalidades e conflitos latentes e atropela, por ora, judeus, palestinos, libaneses e iemenitas, mas pode fazer mais vítimas.

O Irã está disposto a desestabilizar o Oriente Médio para alcançar seus objetivos políticos e ideológicos. Se o Sul Global pretende avançar a agenda do estado de

direito internacional contra imperialismos, deveria, por coerência, unir-se para condenar o Irã pelos atos de guerra que comete por meio de suas milícias patrocinadas, responsáveis por graves crimes contra a paz e por crimes de direito internacional humanitário.

Interesses financeiros e comerciais de aliados econômicos e ideológicos do Irã criam uma cortina de fumaça que obscurece o debate público internacional, inclusive nas Nações Unidas. A ONU, sendo um organismo político, muitas vezes toma decisões influenciadas por interesses pragmáticos, em vez de se basear exclusivamente no melhor direito internacional. Até mesmo a atuação da Corte Internacional de Justiça é permeada por nuances e influências políticas.

Conter o Irã e seu projeto imperialista regional é essencial para evitar o agravamento da crise no Oriente Médio. Qualquer outra solução é apenas paliativa. Além disso, essa medida garantiria maior

segurança interna para diversos países, inclusive o Brasil, onde as conexões entre o terrorismo internacional e o crime organizado são cada vez mais evidentes.

Em junho de 2024, o relatório do Instituto Inter-regional de Pesquisa sobre Crime e Justiça da ONU (UNICRI), intitulado O nexo entre o crime organizado transnacional e o terrorismo na América Latina, apontou que grupos como o Hezbollah — embora não listados como organizações terroristas pela ONU — utilizam táticas terroristas e têm laços crescentes com o crime organizado transnacional para lavagem de dinheiro, bem como tráfico de drogas, armas e pessoas, para fins de exploração sexual e para fins de extração de órgãos. Investigações apontam a presença de operações da rede Al-Qaeda, do Hezbollah e, recentemente, do Hamas, na região de Chuí (RS), além de conexões entre o Hezbollah e o PCC.

Conter o Irã é imperativo para uma abordagem séria e assertiva da crise no

Arquivo pessoal



O Oriente Médio, bem como para a atual crise de segurança pública alimentada por uma criminalidade organizada cada vez mais próxima de grupos terroristas. Mas parece que as lideranças políticas nacionais e internacionais não estão preparadas para esse debate — ou, pior, não têm interesse em enfrentá-lo.

Especialista em Direito Internacional dos Conflitos Armados, Universidade de Bochum (Alemanha). Membro da Academia Suíça de Direito Internacional